

## UMA VELHA CONHECIDA ENTRE *PERFEITOS DESCONHECIDOS*

### AN OLD ACQUAINTED AMONG *PERFECT STRANGERS*

Ariel Finguerut<sup>1</sup>

#### FICHA TÉCNICA

Direção: Wissam Smayra

Exibição: Netflix

Duração: 90 minutos

Classificação: 14 anos

Países: Arábia Saudita, Egito, Líbano

Gêneros: Comédia, drama

*Não gosto muito de dizer que isso é de direita e aquilo é de esquerda, mas parece que pedir censura é progressista hoje. É engraçado. As pessoas que se dizem progressistas ou liberais adoram censura.*

Pedro Bandeira<sup>2</sup>

Na série *Inventando Anna* (2022), criada e dirigida por Shonda Rhimes, a personagem principal é uma jovem mulher que se veste muito bem e se diz muito rica. Ela usa de sua beleza e de seu estilo para se inserir na sociedade mais rica de Manhattan, no estado de Nova Iorque (EUA). A impressão que ela causa é a de ser realmente alguém da alta sociedade, uma pessoa da elite.

Aos poucos, notamos que talvez Anna não seja o que diz, mas os relatos de seus conhecidos revelam que estava nos *detalhes* a certeza de sua origem elitista ou de que realmente era muito rica. Esses detalhes se manifestavam, principalmente, na forma como Anna se vestia, das sandálias até os óculos de sol. Em seu livro sobre diversidade<sup>3</sup>, Russell Jacob conclui que “a pessoa pobre que se organiza para se vestir como uma rica quer ser uma pessoa rica. Não vamos fazer de conta que é o contrário.”<sup>4</sup>

Se todos nós nos vestíssemos iguais, não saberíamos quem é rico ou pobre. O sociólogo Jean-Pascal Daloz<sup>5</sup>, ao estudar as formas de distinção entre as elites, mostra que

<sup>1</sup> Doutor em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Membro do conselho editorial da revista Malala. Pesquisador do grupo de trabalho Oriente Médio e Mundo Muçulmano (GTOMMM), vinculado ao Laboratório de Estudos da Ásia (LEA) da Universidade de São Paulo (USP). Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3515075741483144>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4243-2613>. Contato: [arielfing@gmail.com](mailto:arielfing@gmail.com)

<sup>2</sup> BANDEIRA, Pedro. “Língua neutra é ‘invenção burra’ que não deve ser ensinada, diz Pedro Bandeira”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3LqzJY5>. Acesso em: 14 mar. 2022.

<sup>3</sup> RUSSELL, Jacoby. *On Diversity*. New York: Seven Stories, 2020. Kindle edition.

<sup>4</sup> No original: “The poor person who manages to dress like a rich person wants to be a rich person. Let us not pretend otherwise.” (Russel, 2020: 580).

<sup>5</sup> DALOZ, Jean-Pascal. *The Sociology of Elite Distinction*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2010.

## ■ resenha de livro

desfrutar da companhia de pessoas belas e bem-vestidas é um meio de diferenciação. No caso das mulheres, a ascensão a um status social elevado poderia ocorrer pelo casamento com homens ricos, o quais ofereceriam uma vida segura e com acesso a bens de consumo de luxo, e, em troca, poderiam ostentar a beleza de sua mulher.

O estilo de vida ocidental, muitas vezes, é combatido primordialmente pela roupa, vislumbrando a mulher como um campo de disputa. Pode parecer estranho, mas artistas como Beyoncé teriam que adotar outro figurino caso quisessem se apresentar em certos países, como na Indonésia<sup>6</sup>.

Ao mesmo tempo que a diversidade se tornou uma palavra presente no mundo todo, muitos estados ou mesmo algumas culturas não estão dispostos a se abrirem a ela. Assim, são facilmente manipulados por líderes autoritários e/ou populistas que crescem no vácuo de uma promessa não cumprida de diversidade, globalização ou ocidentalização. Nesse caso, ganham força as ideias de povo e etnicidade de grupos religiosos, ocasionando o desaparecimento do indivíduo num discurso massificado. Curiosamente, é nessas ocasiões que a estratégia de ataque ao que supostamente fere o povo, a etnia ou a religião acontece, primeiro, na forma de vitimização, seguida geralmente pela defesa da honra, da tradição, dos bons costumes etc.

Isso pode ser percebido em algumas reações ao filme *Perfeitos desconhecidos*, de 2022, o primeiro em idioma árabe distribuído pela Netflix. Trata-se de um remake de um roteiro com enredo clássico<sup>7</sup>, mas, ao contrário da versão mexicana, que é classificada como comédia, nesse caso, como um filme do Oriente Médio, o filme ganha a classificação adicional de “escandalosos e intimistas”.

Se visto como uma produção internacional, o filme retrata uma classe média globalizada, fortemente identificada com o que consome – “homens são PC, mulheres são Mac” – e que teme a perda de status social e o julgamento moral – se assumir ou não como gay diante de um grupo de amigos, admitir ou não ter um caso extraconjugal, manter dois casamentos etc. Temas de certa forma universais, mas, nesse caso, a abordagem escolhida pode decepcionar, pois o *status quo* e a hipocrisia tendem a prevalecer.

Se olharmos para esse filme como um retrato de uma sociedade árabe, já que os personagens falam árabe, os atores são naturais de países árabes e a Netflix o classifica como uma produção do gênero “Filmes do Oriente Médio”, a obra mostra adultos de classe média alta que transitam entre as tradições sociais e a ocidentalização. As mulheres dirigem seus carros, bebem vinho, usam joias, se vestem bem e falam o mesmo linguajar dos homens, ou seja, xingam, falam palavrões, jogam jogos de sedução e admitem comportamentos que o senso comum classificaria como masculinos. Em resumo, o filme

<sup>6</sup> CHRISTIAN, Megan. “Beyoncé Is Permanently Banned from Malaysia”. *Showbiz Cheat Sheet*, [s. l.], 19 out. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3BzGeTE>. Acesso em: 22 fev. 2022.

<sup>7</sup> O original é uma produção italiana lançada em 2016. A partir desse roteiro, foram feitas outras 18 versões em diferentes países. VIVARELLI, Nick. “Netflix Swoops on ‘Perfect Strangers’ Adaptation as Its First Arab Original Film”. *Variety*, Los Angeles, 21 dez. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3xDyRd1>. Acesso em: 21 fev. 2022.

## ■ resenha de livro

pode ser identificado como uma produção do Oriente Médio<sup>8</sup>, mas não transmite uma mensagem nacionalista e tampouco reforça – ou mesmo mostra – valores islâmicos<sup>9</sup> familiares ou sociais esperados. A julgar pelo que o filme apresenta, estaríamos diante de uma sociedade secular, ocidentalizada – onde quase todo mundo mente – e com mulheres emancipadas e homens que ainda agem com preconceito em relação ao que escapa da heterossexualidade.

O filme talvez incomode por mostrar que os discursos moralistas, nacionalistas e fundamentalistas, sejam dos políticos, dos demagogos populistas ou das lideranças religiosas, podem ecoar, mas não são assimilados. Se lembrarmos de Jean Jacques Rousseau<sup>10</sup>: “Como seria doce viver entre nós, se a aparência externa fosse sempre a imagem das disposições do coração”. Mas é exatamente o contrário que os personagens revelam, especialmente se entendermos o que vem do coração como aquilo que vem de nossas redes de contato ou de nossas redes sociais, ou, ainda, o que escondemos numa “vida virtual”.

Há também um debate tangencial entre o que podemos dizer e fazer em público e as liberdades que temos na vida privada. É como se uma vez em casa, entre quatro paredes e entre amigos, podemos ser quem queremos ser (ou quase)<sup>11</sup>. Ao mesmo tempo, o filme traz uma sensação pessimista por parecer que o máximo que se pode conquistar é o direito à vida privada. O espaço público é ausente, as forças políticas seriam como forças que não podem ser controladas, quase como astros que seguem seus caminhos à mercê do que se passa na vida terrestre.

Seja em regimes democráticos, como os Estados Unidos, ou em regimes autoritários, como a China, nenhum sistema político pode se dar ao luxo de desprezar o impacto, a força e a penetração do cinema. Na China contemporânea, por exemplo, séries e produções hollywoodianas sofrem uma espécie de adaptação politicamente correta antes de entrar no mercado bilionário chinês. Referências ou linguagem LGBT, por exemplo, foram cortadas da série *Friends* (1994-2004)<sup>12</sup>, e o icônico filme *Clube da Luta* (1999) teve seu final alterado para a versão na qual o Estado desarma o ataque terrorista<sup>13</sup>. Ao mesmo tempo, produtoras chinesas, em parceria com estúdios de Hollywood, investem em estrelas<sup>14</sup> para

<sup>8</sup> Embora alguns países sejam citados nos diálogos, não fica explícito onde exatamente se passa o encontro.

<sup>9</sup> Em muitos países de maioria árabe ou muçulmana, questionar a religião no debate público pode ser motivo de cancelamento ou revolta. THAER, Mansour. “Egypt Moves to Ban Journalists from Discussing Religion After Talk Show Host Cast Doubt on Quran Story”. *The New Arab*, London, 21 fev. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3xEZL4a>. Acesso em: 23 fev. 2022.

<sup>10</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Escritos sobre a política e as artes*. São Paulo: Ubu, 2020. p. 540. Kindle edition.

<sup>11</sup> Um dos personagens que se revela gay também declara: “Esta hora que passei com vocês sabendo que eu sou gay, foi a hora mais triste da minha vida”.

<sup>12</sup> STEVENSON, Alexandra. “‘Friends’ in China: The One Where Ross’s Ex-Wife Isn’t Gay”. *The New York Times*, New York, 14 fev. 2022. Disponível em: <https://nyti.ms/3C5uABP>. Acesso em: 22 fev. 2022.

<sup>13</sup> RADULOVIC, Petrana. “Fight Club’s New, Government-Approved Ending Is Very Different in China”. *Polygon*, [s. l.], 24 jan. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3dqRqKD>. Acesso em: 22 fev. 2022.

<sup>14</sup> ARKIN, Daniel. “How Dwayne ‘The Rock’ Johnson Rules the Chinese Box Office”. *NBC News*, New York, 13 jul. 2018. Disponível em: <https://nbcnews.to/3UnKNJB>. Acesso em: 21 fev. 2022.

## ■ resenha de filme

melhorar a imagem do país no mercado americano<sup>15</sup>, além de produzirem filmes que fazem revisionismo histórico<sup>16</sup> e proteger seu mercado doméstico de concorrentes estrangeiros.

Tanto governos autocráticos e lideranças religiosas conservadoras do Oriente Médio quanto os burocratas do Partido Comunista Chinês gostariam de ter controle total sobre tudo que pode afetar a imagem de seus países, partidos políticos ou do islã e do mundo muçulmano, no caso do Oriente Médio. No caso da China, esse controle é mais fácil, pois o mercado chinês é fechado e controlado por um partido único. Para todos os fins e em todos os regimes, a censura é uma velha conhecida.

A China não se constrange em censurar o que considera nocivo a seus interesses e criar sua realidade, controlando os meios de produção e o poder econômico. Na Arábia Saudita, o primeiro cinema público foi inaugurado em 2018 na capital Riyadh. Uma vez de volta ao poder, o Taleban rapidamente mandou fechar os cinemas de Cabul, assim como no Irã, um país com forte tradição cinematográfica, onde a lista de diretores atores e profissionais que estão sendo banidos só aumenta.

A instrumentalização do islã produz discursos ambíguos e, às vezes, contraditórios. É recorrente encontrarmos um discurso triunfante<sup>17</sup>, que promete, diante de seus inimigos e de seus detratores, a vitória do Islã cedo ou tarde. Contudo, também é comum o discurso do islã como vítima<sup>18</sup>, argumentando que seus inimigos, através do cinema, da música, das artes ou da moda, buscariam subverter e corromper a moralidade, os costumes e as sociedades islâmicas. Apresentando uma religião de bilhões de pessoas como vítima, é possível fomentar uma censura indireta, prévia, um constrangimento que levaria a autocensura<sup>19</sup>.

Carmon e Reiter<sup>20</sup> argumentam que, normalmente, essa estratégia leva os líderes ocidentais a não vincularem casos de terrorismo protagonizados por muçulmanos a qualquer questão religiosa encontrada no islã. Listando uma série de ataques terroristas que aconteceram no Ocidente e que tiveram relação com motivações religiosas, os autores mostram que lideranças políticas tendem a enfatizar outras questões – como misoginia, facilidade de acesso a armas, bullying na infância etc. – e a retratar o que aconteceu como

<sup>15</sup> HOW China Is Taking Control of Hollywood. *The Heritage Foundation*, Washington, DC, 14 dez. 2018. Disponível em: <https://herit.ag/3QTrfKd>. Acesso em: 21 fev. 2022

<sup>16</sup> *The Battle at Lake Changjin*, de 2021, filme de guerra que relata o triunfo do exército chinês, conhecido como o Exército Voluntário Popular, contra os EUA durante a Guerra da Coreia, em 1950.

<sup>17</sup> Cf. o discurso do Iman canadense Younus Kathrada, de janeiro de 2022. CANADIAN Imam Younus Kathrada: Non-Muslims Know That if We Adhere to Islamic Teachings, Islam will Rule the World, so They Say that Islam Is Backwards, Oppressive. *Memri*, Washington, DC, 28 jan. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3Si8cKG>. Acesso em: 23 fev. 2022.

<sup>18</sup> Cf. o discurso de Ruhollah Khomeini, de março de 1980. KHOMEINI: “We Shall Confront the World with Our Ideology”. *Merip*, Chicago, 21 mar. 1980. Disponível em: <https://bit.ly/3Lsh2TP>. Acesso em: 23 fev. 2022.

<sup>19</sup> Cf. o debate em torno da liberdade docente no Paquistão. KHAN, Gulwareen. “Teachers in Pakistan’s Classrooms Censor Themselves to Avoid Being Lynched for ‘Blasphemy’”. *The Friday Times*, Lahore, 20 fev. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3SgRGKO>. Acesso em: 23 fev. 2022.

<sup>20</sup> CARMON, Y.; REITER, M. “Irrelevant Religious Stuff? No, all Terrorism Is Faith Based, Whether Religious, Political, Social, or Other – Part I”. *Memri*, Washington, DC, 10 jan. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3QZ9ljy>. Acesso em: 21 fev. 2022.

## ■ resenha de filme

covardia, tergiversando quando falam em motivação religiosa, pois isso poderia ofender a religião de muitos de seus cidadãos, além de suscitar uma reação global. Ser acusado de islamofobia pode ser politicamente tóxico. Dessa forma, cria-se uma censura prévia ou mesmo uma autocensura.

Seja de forma subjetiva, temendo a ira de uma religião de bilhões de pessoas, ou de forma objetiva, para entrar no bilionário mercado chinês, o fato é que a indústria cultural já assimilou a censura prévia ou posterior para continuar funcionando e lucrando.

No caso do filme *Perfeitos desconhecidos*, apesar de ter sofrido algumas ameaças, suas polêmicas<sup>21</sup>, intencionais ou não, são parte daquilo que faz dele um sucesso de audiência, e as tentativas de bani-lo ou de retaliação aos atores e a equipe de produção apenas reforçam que a censura é uma velha conhecida.

E, apesar da censura estar mais viva do que nunca e presente entre nós, feita em nome do oprimido ou pelo opressor, se servir como alento, vale a lembrança trazida por João Pereira Coutinho<sup>22</sup>: “as ideias sempre encontram uma forma de escapar ao chicote dos censores.”

---

<sup>21</sup> EL-NAGGAR, Mona. “First Arabic Film by Netflix Stirs Fierce Morality Debate”. *The New York Times*, New York, 17 fev. 2022. Disponível em: <https://nyti.ms/3qQGRDw>. Acesso em: 21 fev. 2022.

<sup>22</sup> COUTINHO, João Pereira. “Dos antigos às fake news, novas censuras são tão patéticas quanto as velhas”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14 fev. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3LsE78S>. Acesso em: 21 fev. 2022.